

A escrita no cotidiano da zona rural: os diários de dois agricultores

Vania Grim Thies*

Resumo

Este artigo é parte integrante da pesquisa de mestrado desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas. O objetivo do trabalho foi analisar os sentidos da cultura escrita no cotidiano de dois agricultores com pouca escolaridade, moradores da zona rural dos municípios de Pelotas e Morro Redondo (Rio Grande do Sul / Brasil). Trata-se de compreender e analisar as práticas da escrita de diários de dois irmãos: Aldo (61 anos) e Clemer Schmidt (57 anos). A metodologia utilizada foi a análise conjunta dos cadernos de registros diários e a história oral, obtida por intermédio de entrevistas semi-estruturadas. Os registros nos diários se referem à organização do trabalho no cotidiano rural, bem como a aspectos referentes ao clima, ao lazer e a acontecimentos sociais da vida dos agricultores. A pesquisa mostra que a motivação para as escritas era o trabalho na lavoura, embora o conteúdo dos cadernos diga respeito à vida privada e pública da família, demonstrando que os registros ultrapassam a esfera do trabalho e atingem outros sentidos: uma forma de existir no cotidiano, de deixar as marcas do passado para trazê-lo ao presente. O trabalho procura trazer contribuições à história da educação, especialmente à história da cultura escrita, ao tratar as escritas como uma prática cultural, fruto da organização de uma sociedade.

Palavras-chave: História da educação. Cultura escrita. Diários. Agricultores.

* Mestre em Educação pelo Programa de Pós-graduação da Universidade Federal de Pelotas; pesquisadora do grupo Hisales (História da Alfabetização, Leitura e dos Livros Escolares – FaE / Ufpel); professora efetiva da rede de ensino no município de Morro Redondo, RS, atuando com classe multisseriada na zona rural; Escola Municipal de Ensino Fundamental Padre Bucker, Colônia Santa Bernardina, Morro Redondo, RS; vaniagram@yahoo.com.br

1 INTRODUÇÃO

No presente trabalho objetivou-se analisar os sentidos da cultura escrita no cotidiano de dois agricultores com pouca escolarização, moradores da zona rural dos municípios de Pelotas e Morro Redondo (RS). Trata-se de uma investigação que pretende compreender e analisar as práticas da escrita de diários de dois irmãos: Aldo (61 anos) e Clemer Schmidt (57 anos).¹

Para que se possa compreender um pouco mais do processo da pesquisa, é importante que se compreenda, também, como se constitui a família dos irmãos Schmidt, uma família numerosa, que consegue conhecer mais e melhor por intermédio da leitura atenta dos diários de Aldo e Clemer. O pai, senhor Henrique Pedro Schmidt, 89 anos, conta que sua família paterna era da Alemanha. O avô era filho de um pastor evangélico e veio daquele país para o Brasil ainda muito pequeno. Os avós maternos eram professores da rede pública do município de Pelotas. O senhor Henrique nasceu e cresceu na localidade de Santa Áurea (Pelotas/RS), onde reside até hoje. Casou-se com a senhora Alda Kohls Schmidt, já falecida, de cujo matrimônio nasceram doze filhos, seis mulheres e seis homens; destes, dois são os autores principais dos diários, sendo, portanto, focos desta pesquisa. Atualmente, um filho e as duas filhas mais novas ainda moram com o senhor Henrique na referida colônia, e os outros moram no interior de cidades próximas a Pelotas.

Neste estudo, uma vez que a escrita era uma prática iniciada enquanto os filhos ainda moravam com o pai, todos da família estão referenciados nas escritas dos diários. No entanto, os autores principais são Aldo Kohls Schmidt (segundo filho) e Clemer Kohls Schmidt (quinto filho).

Para compreender a dinâmica de análise, é necessário compreender também como as escritas foram se constituindo: entre 1972 e 1974, somente Aldo, solteiro e morando na casa paterna, escreve; portanto, é um diário de Aldo. Em 1975, além da escrita de Aldo, surge a escrita de Clemer, que também começa a escrever diários, de forma que, nos anos 75 e 76, há uma escrita concomitante dos dois irmãos na casa; cada um, porém, escreve o “seu” diário. Em 1976, Aldo casa, constitui a sua família e continua escrevendo diários com a “nova” família. Clemer, ainda solteiro, continua escrevendo na casa do pai até 1979, quando se casa e pára de escrever.

A razão de optar por investigar esses agricultores foi, em primeiro lugar, pelo fato de eles desenvolverem práticas de leitura, mas principalmente de es-

critas regulares. Em segundo lugar, associado a essas práticas, o fato de, mesmo com pouca escolarização, colocarem a escrita como prioridade em suas vidas. Em terceiro, por serem agricultores, moradores da zona rural, o que torna ainda mais singular o envolvimento com a cultura escrita. Tomando como base esses três pontos, trata-se de uma prática diferenciada, visto que, na sociedade, há modelos e representações de escrita historicamente instituídos, os quais tomam essa prática fundamentalmente como atividade escolar e profissional, exclusiva de pessoas com alta escolaridade e/ou alto poder aquisitivo que ocupam outros espaços sociais – a cidade, por exemplo. Sobre o acesso à escrita no espaço urbano, Frago (1993, p. 91) escreve que:

A cidade tem sido e é o meio por excelência da escrita. Nela nasceu e é nela onde se produz e oferece toda panóplia visual de signos, usos, funções e possibilidades mencionadas. É no espaço urbano, onde mais visíveis são as normas, os limites e o recurso subjetivo e pessoal à expressividade gráfica exercida com liberdade, direito e transgressão; onde a luta por ocupar espaços – sociais e materiais – de escrita e leitura é mais evidente; onde toda a escrita torna-se, em última instância, signo e imagem dessa ocupação e, portanto, de poder, junto a outros signos, grafias e imagens.

Por esse motivo, este estudo volta-se à zona rural, pois, muitas vezes, é considerada como o lugar apenas do trabalho braçal, desprovido de bens culturais. A escola e a zona urbana são tomadas como espaço educativo de acesso a bens culturais por excelência, entre eles, a escrita. Neste trabalho, busca-se mostrar que a escrita não é apenas “urbana”, procurando desmistificar a falsa impressão que inexiste no campo. Procura-se mostrar que está presente no meio rural, desconstruindo, sem romantizar, o mito de que agricultores não lêem ou não escrevem sistematicamente.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 O MATERIAL

Os diários foram coletados em duas etapas: na primeira, foram recuperados, na casa do pai desses dois agricultores, seis diários, escritos entre 1975 e 1988,

correspondentes ao período em que dez dos doze irmãos moravam na casa paterna. Foram os primeiros diários aos quais se teve acesso; os primeiros três cadernos eram de autoria de Clemer. Do ano de 1975 até seu casamento em 1979, ele foi o autor desses diários, denominados por ele ora por cadernos, ora por diários. Depois desse período, não fica explícito quem era o responsável, mas a análise das caligrafias e algumas assinaturas indicam que quem continuou as escritas foram os irmãos que permaneceram na casa com o pai. Este, o senhor Henrique, nunca foi autor das escritas, mas aprovava a idéia para um melhor “controle” do trabalho da família na agricultura. Esse período das escritas dos diários na casa paterna corresponde a treze anos: de 1975 a 1988. Para uma melhor compreensão, os diários de Clemer serão denominados como cadernos, por serem assim chamados pelo próprio autor.

Visualizando o material de Clemer, coletado na primeira parte da pesquisa, em maio de 2005, tem-se o seguinte:

- a) 1º caderno – 27 de janeiro de 1975 a 22 de julho de 1975;
- b) 2º caderno – 23 de julho de 1975 a 27 de abril de 1978;
- c) 3º caderno – 28 de abril de 1978 a 22 de outubro de 1980. É importante que se visualize, também, os outros três cadernos diários que estavam com os registros de Clemer na casa paterna e que foram escritos após sua saída;
- d) 4º caderno – 23 de outubro de 1980 a 31 de dezembro de 1983;
- e) 5º caderno – 1º de janeiro de 1984 a 10 de setembro de 1986;
- f) 6º caderno – 11 de setembro de 1986 a 14 de janeiro de 1988.

Os cadernos referentes ao período de 1980 a 1988, embora não fossem o foco principal, também foram importantes para a compreensão do sentido da escrita dos diários para Clemer, visto que ele deixou o diário na casa paterna para os irmãos.

A escrita era realizada em cadernos escolares, de formato pequeno, com caneta esferográfica azul ou preta. Desde a primeira folha, as linhas eram preenchidas, sem espaçamentos entre um dia e outro. A cada novo dia aparece(m) o(s) algarismo(s), o mês e o dia da semana, seguidos dos acontecimentos referentes àquela data. O novo ano é colocado em evidência no alto da página.

Na segunda etapa da pesquisa, foram coletados os diários escritos apenas por Aldo Schmidt, correspondendo a um período expressivo de escritas, de 1972 até 2004. Aldo, o segundo filho de uma família de doze irmãos, iniciou a escrita de diários no ano de 1972, aos 25 anos, quando morava com seu pai e irmãos na Colônia Santa Áurea, município de Pelotas. A escrita era feita em cadernos denominados pelo próprio autor como “diário”, os quais são sucessivamente numerados. Registra-se que o autor, desde 1972, não deixa de escrever sequer um dia de sua vida. Os diários são os seguintes:

- a) Diário nº 14 – 5 de julho de 1972 a 17 de fevereiro de 1976;
- b) Diário nº 2 – 18 de fevereiro de 1976 a 16 de junho de 1979;
- c) Diário nº 3 – 17 de junho de 1979 a 31 de dezembro de 1984;
- d) Diário nº 4 – 1º de janeiro de 1985 a 31 de dezembro de 1987;
- e) Diário nº 5 – 1º de janeiro de 1988 a 11 de março de 1991;
- f) Diário nº 6 – 12 de março de 1991 a 31 de dezembro de 1994;
- g) Diário nº 7 – 1º de março de 1995 a 10 de julho de 1997;
- h) Diário nº 8 – 11 de julho de 1997 a 17 de fevereiro de 2000;
- i) Diário nº 9 – 18 de fevereiro de 2000 a 27 de agosto de 2002;
- j) Diário nº 10 – 28 de agosto de 2002 a 31 de dezembro de 2004.²

No caso de Clemer, este era o responsável pela escrita de seu diário, mas outra pessoa da casa podia realizá-la, caso não estivesse naquele momento. Quanto às escritas de Aldo, não há um dia sequer em que a escrita tenha sido realizada por outra pessoa. A motivação para a escrita, segundo os irmãos, era o trabalho na lavoura, embora o conteúdo dessas escritas diga respeito, também, a toda vida privada da família.

Os diários de Aldo são realizados em cadernos escolares de formato pequeno, de capa simples (os dois primeiros foram encapados com papel colorido e plástico transparente); não há espaços entre as linhas; a caneta é de uma só cor; o dia é escrito com o algarismo sem o dia da semana, exceto no domingo, que aparece para diferenciar dos demais dias da semana; o registro de cada novo ano é destacado no alto da página.

Aldo é quem inicia, em 1972, a prática da escrita de diários na família; portanto, ele é a referência para as escritas de Clemer. Por isso, entre o registro de Clemer

e o de Aldo, há muitas semelhanças. Quando há enterros de pessoas conhecidas da família, por exemplo, o registro recebe uma cruz como símbolo na margem ou na própria escrita.

Na entrevista realizada com Aldo, em fevereiro de 2007, ele revelou, com uma simples frase, o que sente em relação aos diários: “aqui está toda a minha vida”, deixando sobre a mesa onze cadernos escritos. Este trabalho insere-se, então, em um esforço de construir uma história da cultura escrita mediante a representação que os indivíduos têm de suas práticas.

2.1.1 A escrita de Aldo e Clemer (1972 a 1979)

A escrita sempre esteve muito ligada à escola e ao mundo do trabalho. A pergunta é: há uma escrita escolar e uma “escrita da vida”? A resposta seria sim. Há uma escrita prestigiada pelo mundo acadêmico e escolar e há uma escrita da vida nos diferentes espaços, por exemplo, o doméstico; escrita que, embora não se destine à literatura, está cada vez mais ganhando legitimidade como objeto de pesquisa. Escreve-se fora da escola para “desabafar” os pensamentos, organizar o cotidiano da vida (FABRE, 1993), controlar gastos da casa, manter um diálogo por intermédio das cartas (CUNHA, 2002), “guardar a memória” da vida (ARTIÈRES, 1998), registrar, manter contatos, entre outros.

Há, portanto, diferentes tipos de escritas: a formal e acadêmica, as cartas que são letras no aguardo de respostas, os livros de receitas, as memórias e autobiografias (SOUZA, 2006) com ênfase na vida individual, as escritas do cotidiano da vida que se preocupam em deixar os traços do vivido, entre outras.

Sabe-se que cada vez mais os sujeitos escrevem fora do ambiente escolar e sem preocupação com regras lingüísticas, mas dentro de um ambiente muito singular que se opõe à escrita de qualidade científica e literária. São escritas de vida que carregam alegrias e tristezas, conquistas e perdas, escritas dos acontecimentos do mundo cotidiano; mas o que é contar o cotidiano? O sentido do cotidiano aproxima o homem do transcorrer do dia: as tarefas do dia e os acontecimentos. Para Certeau (1996), “[...] o cotidiano é aquilo que nos é dado a cada dia [...]”, ou seja, os acontecimentos podem ser, de maneira bem ampla, tanto o trabalho como também os sentimentos, pois estes também fazem parte do cotidiano da vida.

As escritas ordinárias são assim caracterizadas: servem para contar o dia de um modo muito particular, criando o seu próprio estilo; por isso, aparecem em diferentes suportes (diários, livros de memórias, etc.). O trabalho desenvolvido por Silva e Batista (2005, p. 4) sobre as escritas de um grupo de docentes confirma que:

O universo das 'écritures ordinaires' se opõe ao universo prestigiado da escrita literária e científica, que têm o objetivo de fazer uma obra e consagrar um autor ou uma autoridade. A escrita cotidiana associa-se à rotina das ocupações cotidianas e tem como função 'laisse trace'.³

A riqueza do material da pesquisa – os diários dos irmãos Schmidt – possibilita uma discussão ampla da cultura escrita em seus vários aspectos. Nesse caso, a produção dos diários proporciona uma reflexão sobre como ela é vista culturalmente. Muitos dos estudos sobre a escrita têm se preocupado muito com a concepção de aquisição e seus aspectos gráficos, entre outros que também são importantes, mas que acabam por não valorizar a riqueza da cultura escrita em termos mais amplos na sociedade.

Segundo o conceito de autores como Gómez (2003) e Chartier (2001), a cultura escrita deve ser analisada em sua totalidade: a relação que estabelece com os valores de sua produção e os modos de apropriação de práticas sociais de escrita e de leitura. As escritas caracterizam um conceito tão amplo que estão na mira de antropólogos, lingüistas, pedagogos, historiadores, entre outros. Para analisar a cultura escrita, é necessário, conforme Petrucci (1999, p. 37), a abordagem interdisciplinar e o diálogo entre diferentes áreas.

A necessidade de abordar de maneira interdisciplinar e comum, eventualmente em equipes mistas e, desde logo, com novos métodos de análises e de comparação, o material documental e livreiro, o patrimônio ideológico, as estruturas administrativas e sociais que se tem no passado ou hoje tem relação (de influência direta ou inclusão só testemunhal) com a cultura escrita, seu mecanismo de produção e sua dinâmica de difusão.

Assim, por intermédio da abordagem interdisciplinar, a escrita não é apenas um símbolo gráfico, mas exerce diferentes funções, sendo considerada uma

prática cultural. A história da cultura escrita é, segundo Gómez (2003, p. 97-98), “[...] o resultado de uma tríplice conjugação: história das normas, capacidades e usos da escrita, história do livro e, por extensão, dos objetos escritos (manuscritos, impressos, eletrônicos ou qualquer outro suporte), e história das maneiras e práticas de leituras.” Na perspectiva do autor, a história da cultura escrita “[...] deve constituir o ponto onde confluam duas tradições que até então haviam percorrido caminhos paralelos: de um lado, a história da escrita; de outro, a história do livro e da leitura.”

Retomando as práticas de escritas, a pesquisa tem procurado compreender os diários dos irmãos Schmidt nesse campo mais amplo da pesquisa acadêmica, a qual procura compreender a cultura do escrito desde a mais ordinária das escritas até a escrita literária e acadêmica.

Conforme esclarecido anteriormente, Aldo começou os diários em 1972 na casa do pai, e, em 1975, o irmão Clemer também iniciou as escritas, entretanto é somente Aldo quem mantém a prática até os dias atuais. Entre 1975 e 1976, há, portanto, uma escrita concomitante de diários na casa paterna, embora cada irmão escrevesse o seu diário. Em 1976 Aldo se casou, constituiu nova família e continuou escrevendo diariamente. Clemer permaneceu escrevendo na casa do pai. Em 1979, quando casou e formou nova família, parou de escrever os diários; por isso, a escolha do período de 1972 a 1979 – que corresponde ao início dos diários na casa do pai, por Aldo, até a saída de Clemer da casa paterna.

Dessa forma, verificaram-se o início e o término das escritas de Clemer, a escrita concomitante dos dois irmãos em 1975 e 1976, a saída de Aldo em 1976 e a continuidade dos seus registros, a saída de Clemer em 1979 com seu casamento e a “morte” das suas escritas e, ainda, embora tangencialmente, a continuidade dos diários na casa paterna pelos demais irmãos que permaneciam naquela época.

2.1.1.1 Problematizando temáticas nas escritas dos agricultores

Depois de visualizar a contextualização da escrita dos diários, é necessário dizer que as escritas dos irmãos são parecidas na forma e no conteúdo, mas apresentam para cada um sentido diferente. Isso fica evidenciado na continuidade da prática por Aldo e no cessar da atividade de escrever em função do casamento de Clemer.

Há questões importantes a serem consideradas tanto nos diários de Aldo como nos cadernos-diários de Clemer. São os elementos constitutivos dessas escritas, ou seja, o que aparece como tema nos registros. A organização do mundo rural e privado, por intermédio do caderno e da escrita diária sistemática, possibilitou o encontro de categorias comuns entre as escritas dos dois irmãos: o tempo/clima, o lazer, o trabalho e a participação na vida comunitária e social. As categorias mostram os irmãos agricultores e os seus ritmos diversos em diferentes espaços, como a casa, a comunidade, a lavoura, entre outros, indicando que a vida das pessoas não é um processo linear, mas progressivo e contínuo.

2.1.1.1.1 *Trabalho*

Discutir a categoria do trabalho é de fundamental importância, pois é do trabalho da lavoura que tanto Aldo quanto Clemer retiram o sustento de suas famílias, utilizando o corpo como seus instrumentos de trabalho.

Clemer cultiva 23 hectares de terra e, embora more nesse lugar desde que casou, em 1979, essas terras não eram suas. O modo que Clemer produz é em sistema de parceria: a produção é dividida, e 25% é de seu “parceiro de produção”, o dono da terra. Clemer também planta quatro hectares de terra que pertencem à esposa Hilma e que ficam um pouco distante do local onde mora.

Apenas em épocas de safra do pêssego, eles contam com empregados, mas, mesmo assim, são poucas pessoas. Clemer não dispõe de maquinários para o trabalho realizado; há um ano, comprou um trator, mas o trabalho rudimentar ainda prevalece: a enxada, o podão, a capinadeira, o arado, o cavalo, a carreta e os bois são suas principais ferramentas. O serviço realizado com trator é o de lavar, discar, pulverizar.

Aldo possui aproximadamente 20 hectares de terra e arrenda, ainda, alguns hectares próximos à sua casa. Já possuía um trator e há poucos meses comprou mais um; entretanto, como Clemer, pratica as atividades da lavoura por meio de ferramentas simples, sem mecanização. Os tratores são utilizados para os serviços de lavar, discar, roçar e pulverizar. Da mesma forma, para a atividade leiteira, não dispõe de ordenhadeira, e a ordenha é realizada manualmente, sendo a produção vendida na localidade próxima (Vila Nova) para o proprietário de uma pequena fábrica de queijos e derivados.

A dinâmica da pequena propriedade utilizando o trabalho coletivo, como é o caso dos irmãos, favorece a administração familiar, conforme se observou nos diários. A terra é a fonte de renda, embora, muitas vezes, não corresponda às expectativas dos agricultores, pois o produto está condicionado ao sistema capitalista de produção. Muitas vezes, a visão romântica do campo como o lugar do sossego e da beleza das paisagens acaba por ocultar determinados processos vividos pelos agricultores ou, segundo Bagli (2006, p. 84), “[...] isso não significa dizer que, nos espaços rurais, não há a determinação de um tempo ditado pela lógica capitalista.”

Sendo o trabalho um dos temas recorrentes nos registros dos irmãos Aldo e Clemer, cabe fazer aqui algumas considerações acerca do tema. Demartini e Lang (1985, p. 13) conceituam trabalho “[...] como toda a atividade que tem por objeto a produção de bens, valores ou serviços, destinada inicialmente à subsistência e à perpetuação da espécie, enquanto valores de uso ou de troca.” O trabalho consciente é exclusivamente humano; é um dos aspectos que difere o homem dos animais. Surge da interação e da criação do homem com a natureza, mediante a transformação, para construir seus meios de existência. A fim de corroborar a idéia, cita-se o exemplo de Bertoldo (1999) no que se refere à distinção entre o trabalho humano e o dos animais.

Uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão, e a abelha supera mais de um arquiteto ao construir sua colméia. Mas o que distingue o pior arquiteto da melhor abelha é que ele figura na mente sua construção antes de transformá-la em realidade. No fim do processo do trabalho aparece um resultado que já existia antes idealmente na imaginação do trabalhador. Ele não transforma apenas o material sobre o qual opera; ele imprime ao material o projeto que tinha conscientemente em mira, o qual constitui a lei determinante do seu modo de operar e ao qual tem de subordinar sua vontade.

O homem é diferente do animal, pois, antes da realização de uma atividade, ele já a tem em mente. A autora, baseada nos conceitos de Marx, reforça ainda que, na categoria do trabalho, o homem pode produzir para além daquilo que imaginou, porém, para isso, há também um problema: “[...] é que numa sociedade fundada na propriedade privada o trabalho excedente é apropriado apenas

por uma parcela dos indivíduos, o que faz com que a acumulação se baseie, cada vez mais, numa contradição entre capital e trabalho.” (BERTOLDO, 1999). É o trabalho que gera mercadoria e, conseqüentemente, o capital e a exploração do trabalhador, em uma sociedade capitalista (CAFIERO, 1981).

Dessa maneira, o homem precisa, então, criar condições para a sua existência, o que irá caracterizar cada vez mais, conforme o autor, a subordinação de sua vontade. Essa lógica “invade” também, e cada vez mais, a zona rural: produzir mais e em maior escala. Dessa maneira, o pequeno agricultor, sua coletividade e seus instrumentos rudimentares resistem a esse sistema de produção que os quer eliminar. O sistema capitalista de produção “exige” produção maior e mais rápida, dificultando os que persistem na produção “artesanal”, como é o caso dos irmãos Schmidt, que praticam a agricultura familiar.

Por isso, surge a divisão do trabalho, como forma de produzir mais e mais rápido por intermédio de um sistema individualizado de produção. Nesse sentido, as escritas dos irmãos Aldo e Clemer revelam de maneira enfática um tipo de divisão do trabalho.

Segundo Demartini e Lang (1985, p. 14), “[...] tratando-se da divisão social do trabalho, há que se considerar também a persistência, em nossa sociedade, do sexo como critério ainda atuante nas atribuições de posições sociais no trabalho.” Nos diários, mesmo que as irmãs de Aldo e Clemer, denominadas como “gurias”, também tenham a profissão de agricultoras, seus trabalhos são diferentes dos irmãos. Nota-se, no registro, que o trabalho de lavrar a terra é sempre realizado pelos homens, enquanto capinar, plantar, colher é, na maioria das vezes, realizado pelas irmãs. Conforme se observa nos trechos a seguir, há uma separação entre o trabalho das “gurias” e dos homens nas tarefas, reflexo também de uma família numerosa, principalmente, enquanto os doze filhos moravam na casa paterna.

22 de setembro Segunda O Cleber lavrou gradeou de tarde, **asurias**⁴ capinaram cebola, o Aldo e o Clemer iniciaram a sentar tijolos na casa de manhã o Cledinei ajudou na casa. (Clemer Schmidt, Caderno nº 2, setembro, 1975).

20 de novembro. Sábado tempo bom plantaram soja todo o dia a **Serlene e a Clenair** aterraram o milho. (Clemer Schmidt, Caderno nº 2, novembro, 1976).

Dia 7 domingo de manhã **as gurias** foram no culto de tarde eu e o Clemer na mesma e os outros no St^a Helena. (Aldo Schmidt, Diário nº 1, outubro, 1973).

Segundo o estudo realizado por Schwartz (2004), a maioria das mulheres prefere o trabalho na lavoura, porque ele “aparece mais”, pois, ao capinar uma lavoura, todos vêem o serviço realizado, enquanto o trabalho doméstico não é observado.

O trabalho é tão significativo na vida dos dois agricultores que junto a ele estão presentes os “vários tempos” da vida na zona rural e o clima, fator que influencia diretamente no trabalho da lavoura. Sendo o tempo e o clima fatores de relevância na vida e para a vida desses agricultores, torna-se necessária uma discussão mais detalhada sobre esses dois temas, assunto abordado a seguir.

2.1.1.1.2 *Tempo*

O tempo na vida rural é diferente do tempo na vida urbana. Na zona rural, levantar cedo, tratar os animais, tirar o leite que irá para a mesa do café, comer alimentos produzidos na propriedade, trabalhar em contato com a terra e seguir os horários do sol são hábitos comuns. A zona rural segue mais a lógica da natureza, enquanto, nos espaços urbanos, em virtude das condições específicas do trabalho, segue-se uma lógica artificial mais atrelada ao “tempo do relógio”. O tempo rural é mais “lento”, as transformações da sociedade não deixam de acontecer, apenas são sentidas em menor escala (BAGLI, 2006). Não significa, com isso, reduzir a zona rural a uma visão simplista ou romântica. Segundo Da Matta (1991, p. 38-39), “[...] as atividades que demarcam o tempo, ou ajudam a construí-lo promovendo uma base para a noção de duração diferenciada e de passagem, são as atividades que ocorrem sempre em espaços distintos uns em relação aos outros.” Isso indica que não se pode falar de tempo sem falar também de espaço. Por isso, os diários trazem o tempo como o transcorrer do dia, situado em um ambiente específico: a zona rural. Esse é o contexto no qual o tempo é construído por Aldo e também por Clemer.

O tempo, nos diários, é a divisão do dia e das horas em manhã, tarde e noite, divisão da semana entre dias de trabalho (segunda-feira a sexta-feira) e dias de lazer (sábados e domingos) e/ou compromissos religiosos e comunitários e é, também,

o clima. Buscando o significado de tempo no dicionário, encontramos “Medida da duração dos fenômenos. Período; época. Estado atmosférico. Momento ou ocasião própria” (LUFT, 2000). No entanto, tempo é uma invenção social. Segundo Elias (apud MARTINS, 2000):

O que chamamos tempo é, em primeiro lugar, um marco de referência que serve aos membros de um certo grupo e em última instância, a toda humanidade, para instituir ritos reconhecíveis dentro de uma série contínua de transformações do respectivo grupo de referência ou também, de comparar uma certa fase de um fluxo de acontecimentos.

Dessa maneira, o tempo é o fator que orienta o homem e, conseqüentemente, suas relações sociais. Os relógios são exemplos do que tem sido responsável pela demarcação do tempo em nossa sociedade. A partir dessas considerações, percebe-se a existência de “vários tempos” como uma criação humana.

Os diários eram uma das formas de organizar o cotidiano do trabalho, o que, por meio da observação do clima e das suas relações com o tempo de divisão do dia, acabam por ordenar a própria vida desses agricultores. O tempo, nas escritas, significa o transcorrer do dia dividido em períodos: a manhã, a tarde, a noite, o dia, ou, ainda, as horas e os minutos:

Dia 25 amanheceu chovendo depois da 8h fomos fazer uma picada⁵ para passar para chácara do Amiltom de tarde fomos tirar galhos para fora, depois das 4h choveu a noite fui no Lindolfo levar as quitandas e comprei uma foice. (Aldo Schmidt, Diário nº 3, agosto, 1979).

1º Quinta De manhã cortaram soja até ao meio dia terminado com toda a safra da soja de tarde até as 3 carregaram com 2 carreta 5 carga depois trilharam até a noite – 27 sacos. (Clemer Schmidt, Caderno nº 1, maio, 1975).

Nesse sentido, conforme o espaço no qual trabalham, aparece também a medição do tempo – de manhã, de tarde, de noite – como uma medida rotineira de trabalho. Essas “divisões” se aproximam muito do clima, o qual é referido nas escritas como as mudanças climáticas: a chuva, o sol, o dia nublado, o frio, o calor, o “geadão”. Porém nos registros, as duas categorias ficam denominadas por uma única terminologia, no caso, o tempo: “tempo bom, de manhã choveu”. É comum denominar o clima como sendo o tempo e vice-versa, pois são categorias muito próximas. De

acordo com Luft (2000), clima é o “[...] conjunto dos fenômenos meteorológicos (temperatura, pressão, ventos, etc.) que caracterizam o estado médio da atmosfera em determinada área geográfica.”

Segundo Brandão (1989, p. 16), “[...] o tempo é de difícil separação já que não sabemos viver a não ser dividindo o tempo dado ao trabalho produtivo com outros tempos divididos por sua vez entre o rito e o jogo, eis que a todo o momento e por toda a parte misturamos uma coisa com a outra.” E isso está presente nas escritas dos diários: a “mistura” de fatos como o jogo, a festa, o trabalho, entre outros.

Martins (2000) afirma que os relógios são invenções humanas incorporados no mundo simbólico dos homens e, desse modo, o tempo é uma invenção humana. Entretanto, além dos relógios, existem outras formas de marcar o tempo as quais também foram criadas pelo homem como, por exemplo, o calendário, que traz as fases da lua, as estações do ano, os meses, as semanas, os dias, entre outras medidas do tempo. Aldo Schmidt, nos seus diários, proporciona uma grande significação para o calendário. Em todos os cadernos, de acordo com os anos, há o “calendário com a lua”, conforme ele confirma na entrevista:

Pode ver, todos [diários] têm, aqui, do calendário com a lua, vê se influi alguma coisa [...]. Se tu planta em setembro, às vezes no início de setembro, dois anos seguintes, uma ano caiu na cheia e outro ano caiu na minguante ou na nova, tem diferença de produção por causa da alteração na, na... [lua]. (Aldo Schmidt, entrevista, 08/02/2007).

Para Aldo, a lua é uma forma de controle do trabalho, pois serve de orientação para sua plantação. A cada novo ano, há um pequeno calendário grampeado na folha do diário. Para Martins (2000), “[...] calendários podem ser utilizados como exemplos gráficos das funções coordenadoras e integradoras de tempo e atividade.” Nesse sentido, pode-se observar os estudos com almanaques de farmácias, pequenos livros que continham o calendário lunar e sua relação com épocas de plantios e colheitas, orientando às pessoas em suas atividades.

Nos diários, os dias da semana dividem o tempo e, assim, as atividades são diversas, mas há diferenças entre os dias de trabalho e os dias de lazer. Nos finais de semana, há uma “quebra” na rotina de trabalho: sábado e domingo são dias que dedicam ao lazer, categoria analisada no próximo item.

2.1.1.1.3 Lazer

Se há o “tempo de semear e o tempo de colher”, há, também, o tempo de descansar. Nos diários esse tempo é expresso pelo lazer, constante na vida cotidiana do meio rural e intensa também nos diários de Aldo e de Clemer. Mas o que é o lazer da/na zona rural? O lazer na zona rural está associado ao descanso do trabalho na lavoura. Isso acontece por meio de idas ao futebol, bailes, danças, festas, visitas aos parentes, uma vez que, para quem trabalha na agricultura, não há período de férias, como há para outras profissões. Há apenas “períodos” de mais ou menos trabalho. O lazer é, nos diários, expresso por um outro tipo de escrita. Geralmente não faz referência ao trabalho, ao menos que o período exija, como é o caso da safra de pêssego.

Para Magnani (1984, p. 11), “[...] o lazer é parte integrante da vida cotidiana das pessoas e constitui, sem dúvida, o lado mais agradável e descontraído de sua rotina semanal.” Nos diários de Aldo e Clemer, os momentos de lazer são sempre aos sábados e domingos, dias em que os trabalhos da roça ganham uma pausa e intensificam-se as saídas.

Na zona rural, o lazer aos domingos também fica demarcado por visitas entre os vizinhos e amigos, idas a bailes e a partidas de futebol, como pode ser observado nos registros a seguir:

Dia 22 domingo de manhã biscateamos de tarde ficamos em casa e a D. Dora e a Aldair tiveram aqui nos visitando. (Aldo Schmidt, Diário nº 2, janeiro de 1978).

Dia 16 domingo Eu e o Clemer na mesma de sempre o Cleber com o Stª Helena e os outros na dança no Edmundo Bosembecker. (Diário nº 1, Aldo Schmidt, novembro 1973).

Para se entender o contexto rural de lazer que aparece nos diários, é necessário compreender que nas colônias da zona rural de Pelotas há salões de baile que levam o nome do proprietário, como o salão de baile do Sr. Edmundo Bosembecker e do Sr. Vidal Batista. Ainda, há os times de futebol que levam o nome das localidades onde ficam situados os campos/estádios, como é o caso dos times “Vila Nova”, “Bachini”, “Santa Helena”, entre outros.

São comuns, também, as festas organizadas pelas comunidades religiosas com café colonial e danças, as quermesses, os jogos de futebol amador, os bailes

para a celebração de alguma data especial. Isso caracteriza uma cultura própria de determinada localidade. Conforme Bahia (2000, p. 16), “[...] expressões da língua, festas comunitárias, ritos de passagens, superstições e outros elementos da cultura camponesa marcam especificamente seu *ethos*, isto é, um estilo de vida próprio diante do mundo que lhes atribui um sentido identitário.”

Além disso, são comuns festas organizadas por igrejas que seguem o calendário da colheita, como a festa da cebola e a da uva, etc. Isso demonstra uma relação entre o calendário agrícola e o das festas como um valor daquilo que é próprio da terra.

A participação coletiva no preparo de festividades se confirma nos diários dos irmãos Schmidt, pois, quando há festa na igreja da qual participam, há o relato de que se envolveram no trabalho de preparação:

Dia 2: Domingo Festa na São Paulo⁶ de manhã choveu e o Cleber foi de caminhão com a Cleci a Clenair e o Clenderci de tarde o Clemer levou o resto da turma de Combe para a festa. (Clemer Schmidt, Caderno nº 1, março de 1975).

Dia 3 de manhã fomos a Capela de caminhão buscar as taubas e os badulaque de tarde só contemos o dinheiro e de tardezinha o Clemer levou a lona lá no Udo. (Clemer Schmidt, Caderno nº 1, março de 1975).

Assim, a preparação da festa e o trabalho no dia incluem o envolvimento de toda a família nas mais diferentes atividades como, por exemplo, o carregamento de tábuas para fazer mesas e barracas, a venda nas barracas, a limpeza, a contagem do dinheiro da festa, etc. Isso caracteriza a festa na zona rural como um grande espaço em que há barracas de lonas, bandinhas típicas tocando músicas, casais dançando, almoço colonial e, em alguns casos, jogos e brincadeiras, como pescarias, tiro ao alvo, etc.

O lazer também significa “sair de casa”. Conforme Brandão (1989, p. 17), “[...] não há dúvida de que a casa é o local da rotina, da família e de uma estabilidade de relações que em quase tudo sugere o contrário daquilo que a rua, seus tempos, festas e sujeitos pretendem ser.” É por isso que o lazer é expresso nos registros diários de uma maneira diferenciada – nos sábados e domingos –, contando o que foi feito fora do ambiente da casa, mesmo que tenha havido trabalho, como no caso das festas da igreja.

O “ir à igreja”, ao culto, como aparecem nas escritas, é diferente do que ir à festa da igreja, pois essa se caracteriza como lazer. Já ir ao culto é um outro contexto, um acontecimento social formal, conforme será analisado no próximo item, juntamente com outros acontecimentos da/na sociedade.

2.1.1.1.4 *Acontecimentos sociais e comunitários*

Essa categoria abrange os registros dos diários no que se refere aos eventos sociais da vida da família como, por exemplo, casamentos, enterros, vida religiosa e outros aspectos da vida social da família de Aldo e Clemer. Ainda podem ser agrupados aqui outros acontecimentos da vida pública e comunitária dos agricultores, como as eleições (municipais, nacionais), a participação em algum trabalho comunitário na capela ou, até mesmo, na manutenção de estradas da região, conforme se percebe nos diários:

14 de outubro sábado tempo de manhã choveu e de tarde com pancadas a turma não fez nada de tarde o Clemer, o Cledinei a Serlene e a Serli foram no churrasco da inauguração da estrada da baichada e o Cleber e o Clenderci foram no moinho de caminhão ainda de tarde a Hilma⁷ veio por aqui. (Clemer Schmidt, Caderno nº 3, outubro, 1978).

Como é chamada nos diários, a “estrada da baixada”, construída em 1978, foi de extrema importância para os moradores da zona rural da Colônia Santa Áurea (7º distrito de Pelotas/RS), pois foi um elo da localidade à estrada principal, facilitando o percurso à cidade.

São fatos que conferem um sentimento de pertencimento, de proximidade dos irmãos à comunidade na qual estão inseridos. Além disso, ao mesmo tempo em que participam da inauguração, fortalecem sua cidadania, pois a estrada foi uma reivindicação dos moradores da localidade.

Outro exemplo de acontecimento relevante para os irmãos Schmidt é o trabalho na comunidade religiosa da qual participavam:

Dia 8 domingo de manhã fui no Lindolfo⁸ e de lá fui até o Enildo⁹ fazer o recenciamento para a Igreja de tarde ficamos em casa a mãe teve aqui nos visitando. (Aldo Schmidt, Diário nº 2, outubro, 1978).

Aldo desempenha várias atividades na comunidade, entre elas, recensear as pessoas de sua igreja e participar da mesa eleitoral. Fatos colocados lado a lado nas suas escritas, como o recenseamento, o trabalho, a visita, mais uma vez confirmam os sentidos de seus registros: produzir a identidade, registrar a vida. Segundo Da Matta (1991, p. 72), “[...] ser cidadão, e ser indivíduo, é algo que se aprende, e é algo demarcado por expectativas de comportamentos singulares.” Para o caso de Clemer e Aldo, isso é visível já que registram os acontecimentos sociais e comunitários.

Ser cidadão não basta; é preciso, também, exercer a cidadania. Conforme é expresso nos diários, a eleição, processo de escolha, é muito importante para Aldo e Clemer:

Dia 15: eu todo dia participei da mesa Eleitoral na 71 cessão e a Nair foi votar e fez pão de tarde ceifou o asevém e capinou vassoura. (Aldo Schmidt, Diário nº 2, novembro de 1978).

15 de novembro quarta tempo bom de manhã entre 6 plantaram soja terminando o campo o pai a mãe a Cleci e a Clenair foram votar o Cleber levou eles com o caminhão de tarde o Cleber o Clenderci e o Clelinei e o Clemer foram votar. (Clemer Schmidt, 3º Caderno, 1978).

Votar e participar da mesa eleitoral tem uma “importância” ao lado do fazer o pão, ceifar, plantar, capinar, etc. Trata-se dos trabalhos realizados, mas votar é o momento de participação democrática na vida social. Essa é a “marca” de um pertencimento maior, o pertencimento a uma nação. Conforme Da Matta (1991, p. 73), “[...] realmente, como cidadão eu pertencço a um espaço eminentemente público e defino o meu ser em termos de um conjunto de direitos e deveres para com uma outra entidade também universal, chamada nação.”

“Fazer o pão” é um registro muito recorrente na escrita de Aldo. Pão, alimento da vida, procedente do trigo que nasce da terra, terra que fortalece a identidade de ser agricultor, agricultor que participa das decisões e escolhas, que exerce sua cidadania. Terra e pão são dois elementos simbólicos para Aldo como forma de fortalecer sua identidade. Fazer o pão e votar são elementos diferentes que fazem refletir como o “cidadão Aldo” e o “cidadão Clemer” percebem-se no contexto em que vivem.

Outro acontecimento importante é o fato de ver a seleção brasileira em jogos da Copa, mesmo que para isso precisassem ir à casa de vizinhos, pois não tinham televisão. O registro da Copa do Mundo demonstra que nem mesmo acontecimentos internacionais escapavam das escritas dos dois irmãos:

Dia 25 domingo de madrugada desabou violento temporal de chuva com pedra amanheceu garuando estiando antes do meio dia, de tarde fui lá no pai ver a final da copa do mundo¹⁰ ganho pela Argentina (Aldo Schmidt, Diário nº 2, junho de 1978).

No âmbito dos acontecimentos sociais, há também o registro de batizados e casamentos. No dia 29 de maio de 1976, Clemer registra o casamento de seu irmão Aldo:

29 de maio Sábado Dia do casamento do Aldo demanhã toda turma já para as festanças durante todo o dia de noite o Clemer retornou com sua gatinha para casa dela (tempo de manhã encoberto de tarde chuvas finas bastante frio). (Clemer Schmidt, 2º Caderno, 1976).

No caso de enterros, Aldo e Clemer “sinalizam” seus registros com o desenho de cruz na margem como uma estratégia de lembrança. Clemer relata na entrevista:

É pra te basear depois, aquele sinalzinho é uma cruz porque o problema daquilo ali, do enterro que tinha, se tu queria olhar aquilo, folhar o caderno, tu nem sabia quando. Ah! Foi o ano passado, mas em que mês foi? Aí tu não te lembra daquilo, aí tu abre o caderno, tu sabe e logo em seguida tu já acha a cruzinha. (Clemer Schmidt, entrevista, 13/11/2006).

Conforme Bahia (2000, p. 241), “[...] pensar na morte é também uma forma de repensar o tempo presente na ordem camponesa.” Conforme os estudos da autora, a morte é um “rito de passagem”, da mesma forma que o nascimento e o casamento o são. Entretanto, a morte significa que não se vê mais a pessoa, ao contrário do rito do nascimento ou do casamento.

Portanto, a cruz na margem, para os irmãos Schmidt, pode significar a “marca” para encontrar com facilidade o dia e o mês do acontecido. Porém, é mais do que isso: uma marca de tempo que servirá para lembrar da pessoa falecida, sempre que recorrerem ao sinal da margem.

A riqueza da cultura escrita, não só por palavras, mas por sinais, desenhos e demais marcas demonstram sua variedade. Assim como o fazer pão e votar, o jogo da Copa do Mundo e o sinal da cruz também são estratégias utilizadas para dar sentido às escritas dos agricultores.

3 CONCLUSÃO

O resgate de escritas como as que foram trazidas para este estudo revela o entendimento das práticas culturais no campo da cultura escrita, impedindo, dessa maneira, que materiais valiosos acabem em cinzas ou no esquecimento. Atualmente, há uma variedade de estudos sendo suscitados com diários privados, cadernos de memórias, cadernos escolares, livros de contas, correspondências, o que demonstra uma valorização das escrituras no seu uso cotidiano. O que antes passava despercebido, em razão da valorização do escrito e da sua vinculação com o poder, agora é fonte riquíssima de informação. Essa grande variedade de temas encontrada nos diários desses agricultores mostra que, para o entendimento da história da cultura escrita, não se podem negar a liberdade e amplitude das fontes nos estudos de práticas culturais.

O estudo pretende ressignificar o contexto escolar e suas práticas de escrita. Conforme Vóvio e Souza (2005), “[...] o que se quer é deixar de lado estereótipos sociais nos quais são enquadrados sujeitos e que, na maior parte das vezes, não permitem reconhecer ou identificar possibilidades individuais trilhadas em um campo social compartilhado.” Por essa razão, as práticas de Aldo e Clemer, sujeitos com pouca escolaridade, fazem repensar o contexto da escola e as diversas funções da escrita na sociedade atual: escrita como estratégia de memória, como organização do pensamento, como correspondência; escrita *da* e *na* vida, registro do que se fez ou do que se fará no dia.

O registro do tempo, das atividades de lazer, do controle do trabalho e de acontecimentos sociais e comunitários demonstra uma forma organizada e consciente de registro, uma maneira intencional de deixar os traços do vivido, nos mais diferentes aspectos. Por intermédio desses registros, percebe-se a intenção de produzir e, também, de fortalecer as suas identidades. Uma forma de se perceberem como sujeitos diferentes, em diferentes lugares e em diferentes tempos e temporalidades.

Ainda que apresente algumas limitações, ressalta-se, por fim, a importância desta pesquisa à História da Educação, especificamente à História da Cultura Escrita, uma vez que tratou as escritas desses dois agricultores como uma prática cultural, fruto da organização de uma sociedade. Mediante essa prática cultural, Aldo e Clemer constroem uma identidade para si em um contexto singular: a zona rural.

The written in the daily life of the rural zone: the diaries of two farmers

Abstract

This article is part of the research of the Master Course, developed in the Program of Post Graduation in Education of the Universidade Federal de Pelotas. The objective of the work is to analyze the directions of the written culture in the daily life of two farmers with little schooling, inhabitants of the rural zone of the cities of Pelotas and Morro Redondo (Rio Grande do Sul / Brazil). It is about to understand and to analyze the practical of writing diaries of two brothers: Aldo (61 years) and Clemer Schmidt (57 years). The methodology used was the joint analysis of notebooks of daily registers and oral history, gotten through semi-structured interviews. The registers in the diaries are related to the organization of the daily work in the rural zone, as well as aspects like the climate, the leisure and the social events of the life of the farmers. The research shows that the motivation for the writings was the work in the farming, even so the content of the notebooks is related to the private and public life of the family, demonstrating that the registers go beyond the sphere of the work and reach other directions: one way to exist in the daily life, to leave the marks of the past to bring it in the present. The work tries to contribute to the History of Education, especially to the History of the Written Culture, treating the writings as a cultural practice, result of the organization of a society.

Keywords: History of education. Written culture. Diaries. Farmers.

Notas explicativas

- ¹ Foi permitida a divulgação dos nomes e demais dados por intermédio do termo de autorização.
- ² Há mais um diário em uso, Diário 11, no qual as escritas atuais estão sendo feitas, compreende o período de 1º de janeiro de 2005 até a atualidade.
- ³ Os termos “ecritures ordinaires” e “laice trace” são de Daniel Fabre (1993), (SILVA; BATISTA, 2005, p. 4).
- ⁴ Grifo nosso.
- ⁵ Passagem, caminho, estrada.
- ⁶ Comunidade religiosa Episcopal Capela São Paulo / Colônia Santa Áurea (Pelotas/RS).
- ⁷ Esposa de Clemer, na época eram namorados.

⁸ Proprietário de um comércio da localidade.

⁹ Membro da comunidade religiosa Episcopal Capela São Paulo, Colônia Santa Áurea (Pelotas/RS).

¹⁰ Jogos finais da Copa do Mundo no ano de 1978.

REFERÊNCIAS

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a Própria Vida. **Revista de Estudos Históricos**, p. 9-34, 1998.

BAGLI, Priscila. Rural e urbano: harmonia e conflito na cadência da contradição. In: SPOSITO, M.; BELTRÃO, Encarnação; WHITACKER, Arthur (Org.). **Cidade e Campo: relações e contradições entre urbano e rural**. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

BAHIA, Joana D' Arc do Valle. **O “tiro da bruxa”**: identidade, magia e religião entre os camponeses pomeranos no estado do Espírito Santo. 2000. Tese (Doutorado em Antropologia Social)–Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

BERTOLDO, Edna. A categoria do trabalho em Marx e Marcuse. **Revista Novos Rumos**, n. 47, Instituto Astrogildo Pereira, 1999. Disponível em: <http://www.institutoastrojildopereira.org.br/novosrumos/artigo_show.asp?var_artigo=56>. Acesso em: 28 dez. 2007.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A cultura na rua**. Campinas: Papius, 1989.

CAFIERO, Carlo. **O capital: uma leitura popular**. São Paulo: Polis, 1981.

CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do Cotidiano**: 2. Morar, cozinhar. Petrópolis: Vozes, 1996.

CHARTIER, Roger. **Cultura Escrita, Literatura e História**: Conversas com Carlos Aguierre Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antonio Saborit. Porto Alegre: Artmed, 2001.

CUNHA, Maria Teresa Santos. “Por hoje é só...”: Cartas entre amigas. In: BASTOS, M. Helena Câmara; CUNHA, M. Teresa Santos; MIGNOT, Ana Chystina V. (Org.). **Destino das Letras**: história, educação e escrita epistolar. Passo Fundo: Ed. UPF, 2002.

DA MATTA, Roberto. **A casa & a rua**. Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1991.

DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri; LANG, Alice Beatriz da Silva. **Educando para o trabalho**: família e escola como agências educadoras. São Paulo: Loyola, 1985.

FABRE, Daniel (Org.). **Écritures Ordinaires**. Paris Centre Georges Pompidou. Bibliothèque Publique d'Information, 1993. p. 11-94.

FRAGO, Antonio Viñao. **Alfabetização na Sociedade e na História**: vozes, palavras e textos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

GÓMEZ, Antonio Castillo. Historia de la cultura escrita: ideas para el debate. **Revista Brasileira de História da Educação – SBHE – Dossiê “O Público e o Privado na Educação Brasileira”**. Ed. Autores Associados, n. 5, jan./jun. 2003.

LUFT, Celso Pedro. **Minidicionário Luft**. São Paulo: Ática, 2000.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Festa no Pedaco**: cultura popular e lazer na cidade. São Paulo: Brasiliense, 1984.

MARTINS, Mônica Mastrantonio. A Questão do tempo para Norbert Elias: reflexões atuais sobre tempo, subjetividade e interdisciplinaridade. **Revista de Psicologia Social e Institucional**, Universidade Estadual de Londrina, v. 2, n. 1, jun. 2000. Disponível em: <<http://www2.uel.br/ccb/psicologia/revista/textov2n14.htm>>. Acesso em: 29 dez. 2007.

PETRUCCI, Armando. **Alfabetismo, escritura, sociedad**. Barcelona: Gedisa Editorial, 1999.

SCHWARTZ, Eda. A singularidade do viver das famílias do Extremo-Sul do Brasil. In: ELSEN, Ingrid; MARCON, Sonia Silva; SILVA, Mara Regina Santos da. **O viver em família e sua interface com a saúde e a doença**. Maringá: Eduem, 2004.

SILVA, Maria Emília Lins; BATISTA, Antônio Augusto Gomes. Escritas para si, escritas para o outro nas memórias de um grupo de docentes. In: REUNIÃO DA ANPED, 28., 2005, **Anais...** Caxambu, 2005.

SOUZA, Elizeu Clementino de. **O conhecimento de si**: estágio e narrativas de formação de professores. Rio de Janeiro: DP&A; Salvador: Ed. Uneb, 2006.

THIES, Vania Grim. **Arando a terra, registrando a vida**: os sentidos da escrita de diários na vida de dois agricultores. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação)– Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2008.

VÓVIO, Cláudia Lemos; SOUZA, Ana Lúcia Silva. Desafios metodológicos em pesquisas sobre letramento. In: KLEIMAN, Ângela; MATENCIO, Maria de Lourdes M. **Letramento e Formação do Professor**. Campinas: Mercado de Letras, 2005.

Recebido em 1º de fevereiro de 2008

Aceito em 20 de agosto de 2008

